

TRANSLATION

# Thomas Hobbes: Os textos introdutórios da sua tradução de *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides<sup>1\*</sup>

Thomas Hobbes: The introductory texts of his translation of the *History of the Peloponnesian War* by Thucydides

Thomas Hobbes

## Ao ilustríssimo sir William Cavendish, Cavaleiro de Bath, Barão de Hardwick e Conde de Devonshire

<sup>1</sup> Em 1629, Hobbes publicou sua tradução da grande obra de Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*. A tradução veio prefaciada por três escritos: a dedicatória a William Cavendish, um prólogo aos leitores e um ensaio sobre a vida e a obra de Tucídides. É a tradução desses três textos, inéditos em português, que vem aqui apresentada. Texto original: HOBBS, T. 1629. *Eight bookes of the Peloponnesian Warre written by Thucydides the sonne of Olorus. Interpreted with faith and diligence immediately out of the Greeke by Thomas Hobbes secretary to ye late Earle of Deuonshire*. Londres.

Edição utilizada disponível em: <http://oll.libertyfund.org/titles/thucydides-the-english-works-vol-viii-the-peloponnesian-war-part-i>

\* Tradução de Denise Bottmann. Historiadora, tradutora, ex-docente do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas.

E-mail: [dbottmann@gmail.com](mailto:dbottmann@gmail.com)

Ilustríssimo senhor, da bondade de Vossa Senhoria extraio confiança, no próprio início desta Epístola, para admitir, com simplicidade e com a lealdade que devo ao meu senhor agora nos céus, que não é a Vossa Senhoria, mas a seu pai que dedico este meu trabalho, tal como aqui está. Pois nem me sinto em liberdade de escolher a quem apresentá-lo como oferenda voluntária, tendo a obrigação de trazê-lo como prestação de contas a ele, a cuja indulgência devo o tempo e os meios que tive para realizá-lo. E, mesmo que se eliminasse tal obrigação, não sei de ninguém a quem preferiria dedicá-lo. Pois o que sei, pela experiência de muitos anos em que tive a honra de servir a ele, é o seguinte: não houve ninguém que de modo mais genuíno e menos interessado na glória favorecesse os que estudavam liberalmente as artes liberais do que o meu senhor seu pai, nem casa onde um homem menos precisasse de universidade do que a dele. Para o seu estudo pessoal, ela era dedicada, na maior parte, àquele tipo de saber que melhor merece o empenho e as horas dos grandes homens, a história e o conhecimento dos assuntos civis, e voltada não à ostentação da sua leitura, mas ao governo da sua vida e do bem público. Pois ele lia para digerir pelo discernimento o conhecimento que adquirisse pelo estudo e para convertê-lo em sabedoria e capacidade de beneficiar o seu país: ao que também se aplicava com zelo, mas sem se abrasar por partidarismo ou ambição. E assim como, pela sensatez dos conselhos e pela clara expressão de si mesmo, era homem competentíssimo em assuntos difíceis e importantes, tanto em público quanto em privado, era também homem que ninguém conseguiria desviar ou afastar do caminho reto da justiça. Quanto a essa virtude, não sei se o seu mérito era maior pelo rigor com que a impunha a si mesmo (como fez até o último alento) ou pela magnanimidade em não a exigir dos outros para si próprio.

Ninguém discernia melhor os homens: portanto, era constante nas amizades, porque via não a *fortuna* nem a *adesão*, e sim os *homens*, com os quais também conversava com o coração aberto cuja única guarda era a sua própria integridade e aquele NIL CONSCIRE.<sup>2</sup> Com os seus iguais ele se conduzia com igualdade, e com os seus subalternos com familiaridade, mas mantendo plenamente o respeito de si e apenas com o brilho inato do seu valor. Em suma, era homem em quem se podia perceber claramente que a *honra* e a *honestidade* são a mesma coisa nas diferentes classes de pessoas. A ele, portanto, e à memória do seu grande valor, seja dedicada essa oferenda, embora de pequeno valor.

E agora, imitando nesse culto *civil* o culto *religioso* dos gentios, que, quando dedicavam alguma coisa às suas divindades, traziam-na e apresentavam-na às suas imagens, trago e apresento essa oferta minha, A HISTÓRIA DE TUCÍDIDES, traduzida para o inglês com muito mais diligência do que elegância, à Vossa Senhoria, que é a imagem do seu pai (pois nunca homem algum teve cópia mais fiel do que ele na sua pessoa) e já tem brotando em si as sementes das virtudes dele: rogando humildemente à Vossa Senhoria que a tenha entre os bens que lhe cabem por herança e a leia no seu devido tempo. Eu poderia lhe recomendar o autor sem impertinência, pois nas suas veias corria o sangue de reis; mas prefiro recomendá-lo pelos seus escritos, por conterem instrução proveitosa aos nobres que, como tais, podem vir a conduzir grandes e importantes ações. Pois com confiança posso dizer que, a despeito dos excelentes exemplos e preceitos de virtude heroica que Vossa Senhoria tem em casa, este livro contribuirá não pouco para a sua formação, especialmente quando chegar à idade de moldar a sua vida pela sua própria observação. Pois, na história, as ações de *honra* e *desonra* aparecem com clareza e distinção pelo que são; mas, na época atual, vêm tão dissimuladas que poucos, e apenas os muito cuidadosos, são os que não se enganam crassamente com elas. Mas isso, sem dúvida, é supérfluo que eu diga à Vossa Senhoria. Assim, termino com essa prece: que apraza a Deus dar-lhe virtudes adequadas à propícia morada que ele lhes preparou, e a felicidade a que tais virtudes conduzem tanto neste quanto no outro mundo.

O mais humilde criado de Vossa Senhoria,  
THO. HOBBS

## Aos leitores

Embora esta tradução já tenha passado pela crítica de alguns cujo juízo tenho em altíssima estima, ainda assim, como existe na crítica de uma multidão algo, não sei o quê, mais terrível do que qualquer juízo individual, por severo ou exato que seja, penso ser sinal de discernimento em todos os homens que lidam com muitos e necessário para mim, no meu desejo

de perfeição, solicitar-lhes franqueza. Para que com melhor razão eu possa esperá-la, quero dar-lhes a conhecer brevemente os motivos pelos quais, em primeiro lugar, empreendi esse trabalho e, a seguir, ao publicá-lo, expus-me ao risco das suas críticas, com aquela pequena esperança de glória que se pode aguardar em algo dessa natureza. Pois sei que as meras traduções têm em si a seguinte propriedade: muito podem envergonhar, se não forem bem-feitas; mas, bem-feitas, não muito recomendam quem as fez.

Vários têm observado que Homero na poesia, Aristóteles na filosofia, Demóstenes na eloquência e outros antigos em outros conhecimentos ainda mantêm a primazia: nenhum deles superado, alguns nem de perto alcançados, por qualquer outro nessas épocas posteriores. E entre eles também está justamente incluído o nosso Tucídides, artífice não menos perfeito no seu labor do que qualquer dos acima citados, e em quem (acredito eu com muitos outros) a capacidade de escrever história encontra o seu ápice. Pois, sendo a tarefa própria e principal da história instruir e capacitar os homens, pelo conhecimento das ações passadas, a se portarem com prudência no presente e com providência em relação ao futuro, não existe nenhuma outra (meramente humana) que o faça de maneira mais natural e o cumpra de maneira mais integral do que esta do meu autor. É verdade que existem muitas excelentes e proveitosas histórias escritas desde então: e em algumas delas estão inseridos discursos muito sábios, tanto sobre os costumes quanto sobre a política. Mas, sendo discursos inseridos e não da própria estrutura da narração, de fato recomendam o conhecimento do escritor, mas não a história em si, cuja natureza é somente narrativa. Em outras, há sutis conjeturas sobre os objetivos secretos e as cogitações interiores dos que lhes recaem sob a pluma; o que tampouco é uma das menores virtudes numa história, quando a conjetura é cuidadosamente fundada, e não forçada para servir ao propósito do escritor de adornar o seu estilo ou mostrar a sua sutileza em conjeturar. Mas, amiúde, essas conjeturas não podem ser certas a menos que sejam, ao mesmo tempo, tão evidentes que a própria narração bastaria para sugerir-las igualmente ao leitor. Mas Tucídides é um escritor que, embora nunca divague a fazer preleções, morais ou políticas, sobre o seu próprio texto, nem penetre no coração dos homens além do ponto a que as ações mesmas o conduzem de forma evidente, mesmo assim é considerado o historiógrafo mais político a escrever em todos os tempos. A razão disso, considero ser a seguinte. Ele preenche as suas narrações com tal escolha de temas e lhes dá tal judiciosa ordem, e com tanta perspicuidade e eficácia se expressa, que, como diz Plutarco, faz do seu ouvinte um espectador. Pois coloca o leitor nas assembleias do povo e no senado, entre os seus debates; nas ruas, entre as suas sedições; no campo, entre as suas batalhas. Desse modo, vejam, quase tudo o que um homem de discernimento poderia acrescentar à sua experiência, se fosse então espectador de tais atividades

<sup>2</sup> Consciência limpa, ausência de qualquer peso na consciência. Hobbes, com "aquele" [*that*], refere-se à frase de Horácio nas Epístolas: "Hic murus aeneus esto, nil conscire sibi, nulla pallescere culpa".

e conhecesse os homens e os assuntos da época, pode também aproveitar-lhe agora, com a atenta leitura das mesmas coisas aqui descritas. Das narrações pode extrair lições para si mesmo, e por si mesmo rastrear os desígnios e planos dos atores até a sua origem.

Essas virtudes do meu autor tanto ganharam a minha afeição que me despertaram o desejo de dá-lo a conhecer mais amplamente: o que foi a primeira causa que me levou a traduzi-lo. Pois um erro em que caímos facilmente é crer que tudo o que nos agrada será aceitável em igual medida e maneira a todos, e ter apreço pelo nosso mútuo julgamento quando concordamos no gosto ou desgosto pelas mesmas coisas. E talvez tenha eu caído nesse erro ao pensar que todos aqueles mais judiciosos a quem iria dá-lo a conhecer iriam apreciá-lo tanto quanto eu. Também considerei que era extremamente estimado pelos italianos e franceses em suas línguas: embora, quanto a isso, ele não seja grande devedor dos seus intérpretes. Sobre estes (para não falar mais do que convém a um candidato à boa opinião de vocês nessa mesma categoria), posso dizer o seguinte: considerando que o autor porta ele mesmo a sua própria luz de modo que o leitor pode enxergar continuamente o caminho à sua frente e aguardar, pelo que vem antes, o que virá a seguir, tal não encontrei neles. A causa disso, e a justificativa deles, pode ser a seguinte: seguiram o latim de Laurentius Valla, que não era isento de alguns erros, e Valla seguira uma cópia não tão correta quanto a existente agora. Do francês ele foi vertido para o inglês (pois não hei de ocultar que o vi em inglês) no tempo do rei Eduardo VI: mas assim, pela multiplicação dos erros, acabou por se tornar traído, mais do que traduzido, na nossa língua. Por essa razão, resolvi trazê-lo diretamente do grego, segundo a edição de Aemillus Porta, sem recusar ou deixar de lado qualquer versão, comentário ou outro auxílio que encontrasse. Sabendo que, quando com diligência e tempo eu o terminasse, ainda assim poderiam restar alguns erros, seriam erros, porém, de uma origem só; todavia, não consigo encontrar nenhum, e espero que não sejam muitos. Depois de concluí-lo, ficou por muito tempo ao meu lado: surgindo outras razões, o meu desejo de dá-lo a conhecer cessou.

Pois vi que, na sua maioria, os homens iam à leitura da história com uma disposição muito parecida à da plebe em Roma, que ia ao espetáculo dos gladiadores mais pelo prazer de ver o seu sangue do que a sua habilidade na espada. Pois são muito mais numerosos os que gostam de ler sobre grandes exércitos, batalhas sangrentas e massacres de milhares do que os que se interessam pela arte de conduzir os assuntos dos exércitos e das cidades aos seus fins. Da mesma forma, notei que não eram muitos os de ouvidos familiarizados com os nomes dos locais que encontrarão nesta história; sem esse conhecimento, não é possível lê-la com paciência, nem entendê-la por inteiro, nem lembrá-la com facilidade: especialmente sendo muitos, como aqui ocorre. Isso porque, naquela época, praticamente toda cidade na Grécia e na Sicília, os dois principais palcos desta guerra, era um Estado em si e partícipe do conflito.

Apesar disso, depois vim a pensar que a primeira dessas considerações não deveria ter peso algum para quem pode se

contentar com os poucos da melhor espécie de leitores: como apenas eles julgam, apenas a sua aprovação conta. E quanto à dificuldade decorrente da ignorância dos lugares, pensei que não era tão insuperável, mas que, com ilustrações convenientes dos países, poderia ser eliminada. Para esse objetivo, vi que seriam necessárias duas em especial: um mapa geral da Grécia e um mapa geral da Sicília. Este último encontrei já disponível, feito com precisão por Philip Cluverius, o qual mandei gravar, e vocês o encontram no começo do sexto livro. Mas, quanto a mapas da Grécia que atendessem a essa finalidade, não consegui encontrar nenhum. Pois nem as tabelas de Ptolomeu, nem as descrições dos que o seguem, condizem com a época de Tucídides; e, portanto, poucos dos lugares mencionados por ele são descritos e, quando o são, nem sempre concordam com a verdade histórica. Por essa razão, fui obrigado a desenhar pessoalmente um mapa, da melhor maneira que pude. Para isso, precisei me basear para a figura principal do país na descrição moderna agora adotada, e situar nela especialmente aqueles locais (tantos quantos o volume permitia) que aparecem à leitura deste autor, e lhes atribuir aquela localização que, percorrendo Estrabão, Pausânias, Heródoto e alguns outros bons autores, vi que lhes correspondia. E para mostrar a vocês que não lancei mão de trapaças, situando com exatidão apenas alguns dos principais e os restantes ao acaso, sem fundamento nem cuidado, acrescentei ao mapa um índice que remete aos autores que me justificarão nos pontos em que divirjo de outros. Com esses mapas e as poucas e breves notas à margem das passagens em que, a meu ver, eram mais necessárias, pareceu-me que a história poderia ser lida com imenso proveito por todos os homens de bom julgamento e educação (aos quais também a destinara Tucídides desde o início) e assim, finalmente, trouxe o meu trabalho a público, não sem a esperança de que seja aceito. Se o for, ainda que apenas em virtude do excelente tema do autor, será suficiente.

## Sobre a vida e a história de Tucídides

Lemos sobre vários homens que têm o nome de Tucídides. Há um Tucídides farsálio, mencionado no livro oitavo desta história, que era próximo dos atenienses em Farsalo e, por acaso estando em Atenas na época em que o governo dos Quatrocentos começou a cair, com a sua intervenção e persuasão apartou as facções que então se armavam, para que não lutassem na cidade acarretando a ruína do Estado [*commonwealth*]. Há o Tucídides filho de Milésias, um ateniense do demo de Alopes, de quem Plutarco fala na vida de Péricles, o mesmo, com toda probabilidade, que é citado no livro primeiro desta história, aparecendo à frente de 40 naus enviadas contra Samos, cerca de 24 anos antes do início desta guerra. Outro Tucídides, filho de Aríston, também ateniense, do demo de Aquerdos, era um poeta, embora de seus versos não tenha restado nada. Mas Tucídides, o autor desta história, um ateniense do demo de Alimos, era o filho de Oloro (ou

Orolo) e Hegesípele. O nome do seu pai normalmente é grafado como Oloro, mas a inscrição na sua tumba trazia Orolo. Como quer que se o escreva, é o mesmo nome que foi usado por vários reis da Trácia, e lhe foi dado em respeito aos seus antepassados. Desse modo, mesmo que o nosso autor (como diz Cícero ao seu respeito, lib. ii, *De Oratore*) nunca tivesse escrito uma história, ainda assim o seu nome não se extinguiria, em vista da sua honra e nobreza. E não apenas Plutarco, na vida de Címon, mas também quase todos os outros que tocaram nesse ponto afirmam claramente que ele descendia dos reis trácios, aduzindo em prova que pertencia à casa de Milcíades, aquele famoso general dos atenienses contra os persas em Maratona, o que também provam pelo fato de que o seu túmulo permaneceu por muito tempo entre os monumentos daquela família. Pois, perto dos portões de Atenas, chamados Melitides, havia um local chamado Coela, e lá se encontravam os monumentos chamados *Cimoniana*, pertencentes à família de Milcíades, onde só podiam ser sepultados os que pertencessem a ela. E entre eles estava o monumento de Tucídides, com a inscrição THUCYDIDES OROLI HALIMUSIUS. Ora, todos concordam que Milcíades descendia de Oloro, rei da Trácia, cuja filha se casou e teve filhos com outro Milcíades, avô deste outro. E Milcíades, que conquistou a memorável vitória em Maratona, foi herdeiro de grandes possessões e cidades no Quersoneso da Trácia, sobre as quais também reinou. Na Trácia também ficavam as possessões de Tucídides e as suas valiosas minas de ouro, como ele mesmo declara no seu quarto livro. E, embora tais riquezas lhe possam ter vindo de uma esposa (como também afirmam alguns) com quem se casou em Scapte Hyle, uma cidade da Trácia, ainda assim tal casamento mostra que ele mantinha relações com aquele país e a sua nobreza não era desconhecida por lá. Mas o seu grau de parentesco com Milcíades nunca veio à luz em lugar algum. Houve também quem conjecturasse que Tucídides pertencia à casa dos Pisistrátidas, conjectura esta cuja única base é que ele faz uma honrosa menção ao governo de Pisístrato e dos seus filhos e diminui a glória de Harmódio e Aristogíton, provando que a libertação de Atenas da tirania dos Pisistrátidas foi falsamente atribuída à ação daqueles dois (que derivava de uma vingança pessoal num problema amoroso), que não pôs termo à tirania, a qual, pelo contrário, tornou-se ainda mais pesada para a cidade, até ser finalmente deposta pelos lacedemônios. Mas essa opinião, por não ser tão bem fundamentada, não é tão bem acolhida quanto a primeira.

Condizente com a sua nobreza foi a sua aplicação ao estudo da eloquência e da filosofia. Pois em filosofia foi aluno (como também Péricles e Sócrates) de Anaxágoras, cujas opiniões, sendo de um teor acima da apreensão do vulgo, valeram-lhe a reputação de ateu, nome que conferiam a todos os homens que pensavam de maneira diferente sobre a sua ridícula religião, e que no final lhe custou a vida. E Sócrates, depois dele, pelas mesmas causas teve o mesmo destino. Portanto, não há muito o que admirar se alguns consideravam este seu outro discípulo igualmente ateu. Pois, embora não o fosse, não é improvável que, à luz da razão natural, ele pudesse

ver na religião desses pagãos o suficiente para considerá-la vã e supersticiosa, o que bastava para torná-lo um ateu na opinião do povo. Em algumas passagens da sua história, ele comenta o equívoco dos oráculos; apesar disso, para confirmar uma asserção sua sobre o tempo que durou essa guerra, cita a previsão do oráculo. Critica Nícias por excessiva meticulosidade na observância das cerimônias da religião deles, sendo que, por causa disso, destruiu a si e o seu exército, e na verdade toda a soberania e liberdade civil do país. No entanto, louva-o em outra passagem pela sua devoção aos deuses e diz, a esse respeito, que [Nícias] era dentre todos os homens o que menos merecia chegar ao extremo grau de calamidade a que chegou. Assim, nos seus escritos, nosso autor se mostra, de um lado, não supersticioso e, de outro lado, não ateu.

Em retórica, ele foi discípulo de Antifonte, o qual (segundo a sua descrição no livro oitavo desta história) tinha um poder discursivo quase miraculoso e era temido pelo povo devido à sua eloquência. A tal ponto que, nos seus dias finais, viveu retirado, mas ainda assim prestava conselhos e escrevia orações para outros homens que o procuravam para esse fim. Foi quem arquitetou a deposição do povo e a instauração do governo dos Quatrocentos. E por isso, quando o povo recuperou a sua autoridade, ele também foi condenado à morte, embora tenha apresentado a melhor defesa em causa própria que alguém já fizera até aquela data.

Não há por que duvidar que, com tal mestre, Tucídides tivesse qualificação suficiente para se tornar um grande demagogo e de grande autoridade junto ao povo. Mas, ao que parece, não sentiu a mais remota vontade de se envolver no governo: naqueles dias, era impossível a qualquer homem dar conselhos bons e proveitosos ao Estado sem incorrer no desagrado do povo. Pois tinham em tão alta opinião o seu próprio poder e a facilidade de se sair bem em qualquer ação que empreendesse que os únicos homens que exerciam influência nas assembleias e eram tidos como políticos bons e sábios eram os que propunham os mais perigosos e temerários empreendimentos. Por outro lado, aquele que lhes oferecia conselhos prudentes e moderados era tido como covarde, ou que não entendia ou mesmo difamava o poder deles. Não admira: pois uma grande prosperidade (à qual agora estavam acostumados fazia muitos anos) leva o homem a amar a si mesmo; e para qualquer homem é difícil gostar de um conselho que diminui o seu amor por si. E isso se aplica muito mais a uma multidão do que a um homem só. Pois um homem que raciocina consigo mesmo não se envergonhará em aceitar sugestões timoratas que apresenta mais energicamente a si próprio; mas, em deliberações públicas perante uma multidão, nunca ou raramente se mostra ou se admite o medo (que, de modo geral, é bom conselheiro, mas não tão bom empreendedor). Assim os atenienses, que se julgavam capazes de fazer qualquer coisa, foram temerariamente impelidos por homens malévols e adutores àquelas ações que viriam a arruiná-los; e os homens de bem não ousaram se opor ou, se o fizeram, desgraçaram a si mesmos. Tucídides, para não ficar nem entre os que cometiam o mal, nem entre os que o sofriam, absteve-se

de comparecer às assembleias e optou por uma vida na esfera privada, até onde lhe permitissem a alta posição de pessoa tão rica e o trabalho de escrever a história a que se dispusera.

Quanto à sua opinião sobre o governo do Estado, é evidente que o que menos apreciava era a democracia. E em diversas ocasiões ele aponta a rivalidade e a disputa entre os demagogos pela reputação e glória do intelecto, terçando conselhos entre si, em detrimento do público; a incoerência das resoluções, causada pela diversidade de fins e pelo poder retórico dos oradores; e as ações insensatas empreendidas a partir do conselho adulator daqueles que desejavam alcançar ou conservar a autoridade e a influência que haviam adquirido entre o povo comum. E tampouco se vê em lugar algum que Tucídides enalteça a autoridade da minoria, aquele pequeno grupo em que, diz ele, cada qual quer ser o chefe e os que ficam em segundo plano têm menos paciência em aceitar a sua posição do que numa democracia, seguindo-se a sedição e a dissolução do governo. Ele elogia o governo de Atenas quando era um misto entre a *minoría* e a *maioría*, porém louva-o mais quando reinava Pisístrato (com a ressalva de que era um poder usurpado) e quando, no começo desta guerra, era democrático de nome, mas monárquico de fato, sob Péricles. Assim parece que, sendo ele de ascendência régia, dava sua maior aprovação ao governo da realeza. Portanto, não admira que se envolvesse o mínimo possível nos assuntos de Estado, preferindo dedicar-se à observação e ao registro do que faziam aqueles que o administravam. Com condições para isso graças à sua fortuna, posição e conhecimento, era também, graças ao pendor do seu intelecto, preparado, diligente e consciencioso para realizá-lo. Entende-se como veio a se dispor a um trabalho dessa natureza pelo seguinte: quando jovem, ao ouvir o historiógrafo Heródoto recitando sua história em público (pois tal era o costume tanto naquela época quanto por muito tempo depois), sentiu uma aguilhoada de emulação tão forte que lhe arrancou lágrimas, e a tal ponto que o próprio Heródoto percebeu que o seu intelecto tinha pendor para as letras e avisou ao seu pai Oloro. Quando começou a eclodir a guerra peloponesa, concluiu após séria reflexão que seria um tema ao qual valeria a pena se dedicar: e tão logo ela começou, começou ele a sua história, dando-lhe andamento não daquela forma perfeita que vemos agora, mas na forma de comentários ou registros simples das suas ações e episódios, tal como de tempos em tempos ocorriam e chegavam ao seu conhecimento. Mas eram comentários de tal espécie que talvez merecessem preferência a uma história escrita por outrem. Pois é muito provável que o livro oitavo tenha ficado tal como ele o escreveu de início: não vem embelezado com orações nem tão bem articulado nas suas transições como os sete livros anteriores. E embora tenha começado a escrever tão logo a guerra se armou, mesmo assim só começou a aperfeiçoar e polir a sua história depois de ser desterrado.

Pois, apesar de levar uma vida retirada na costa da Trácia, onde ficavam as suas possessões, ele não pôde se esquivar a um serviço ao Estado que depois se lhe mostrou muito infeliz. Ora, enquanto residia na ilha de Tassos, ocorreu que

Brásidas, o lacedemônio, sitiou Anfípolis, cidade pertencente aos atenienses, nos confins da Trácia e Macedônia, à distância de meio dia de barco de Tassos. Para socorrer à situação, o capitão de lá servindo aos atenienses recorreu a Tucídides para recrutar e lhe enviar forças a toda pressa: pois Tucídides era um dos estrategos, isto é, tinha autoridade para recrutar forças naquelas áreas para servirem ao Estado. E assim fez; mas lá chegou numa certa noite, tarde demais, e viu a cidade já rendida. E por isso foi banido a partir de então, como se tivesse se atrasado por negligência ou deliberadamente se demorasse por medo ao inimigo. Mesmo assim, ele entrou pessoalmente na cidade de Eion e conseguiu mantê-la para os atenienses, repelindo Brásidas, que desceu de Anfípolis na manhã seguinte e a atacou. Supõe-se que o autor do seu banimento tenha sido Cléon, sicofanta extremamente violento naqueles tempos e, por isso, também orador extremamente apreciado entre o povo. Pois onde os negócios falham, mesmo onde não falte providência nem coragem na sua condução, ainda assim, para aqueles que julgam apenas o fato consumado, o caminho da calúnia está sempre aberto, e a inveja, sob a aparência de zelo pelo bem público, facilmente encontra crédito para uma acusação.

Depois de banido, ele morou em Scapte Hyle, cidade da Trácia mencionada anteriormente, como escreve Plutarco; mas ainda assim, morando fora, esteve presente às ações do restante da guerra, como aparece com as suas próprias palavras no livro quinto, onde diz que esteve presente às ações das duas partes, tanto as dos peloponesos, por causa de seu exílio, quanto as dos atenienses. Durante esse tempo, também aprimorou a sua história, tal como agora se vê; após o exílio, tampouco consta que tenha algum dia voltado a gozar do país natal. Nenhum autor deixa claro onde, quando ou com que idade ele morreu. A maioria concorda que morreu no exílio, embora haja registro escrito de que, após a derrota na Sicília, os atenienses decretaram uma chamada geral de todas as pessoas banidas, exceto as da família de Pisístrato, e que ele voltou e, mais tarde, foi morto em Atenas. Mas é muito improvável que isso seja verdade, a menos que *após* a derrota na Sicília signifique *tanto tempo depois* que seria *após* o término mesmo da guerra peloponesa, visto que o próprio Tucídides não faz nenhuma menção a esse retorno, embora ainda estivesse vivo depois da guerra, como fica evidente pelas suas palavras no livro quinto. Pois ele diz que estava no exílio fazia 20 anos desde a acusação em Anfípolis, o que ocorreu no oitavo ano desta guerra, a qual durou, ao todo, 27 anos completos. E em outro lugar ele menciona a destruição dos longos muros entre o Pireu e a cidade, que foi o último golpe da guerra. Os que dizem que Tucídides morreu em Atenas baseiam tal hipótese no seu monumento, que lá se encontrava. Mas não é argumento suficiente, pois ele podia ter sido ali enterrado em segredo (como escreveram alguns), mesmo tendo morrido no exterior; ou o seu monumento podia estar lá (como afirmaram outros), sem que ele estivesse ali enterrado. Entre essas várias conjeturas, a mais provável é a apresentada por Pausânias, que descreve os monumentos da cidade ateniense e diz o

seguinte: “A digna ação de Enóbio em favor de Tucídides tem honra”, significando que ele tinha uma estátua. “Pois Enóbio conseguiu que fosse aprovado um decreto para o seu retorno; o qual, retornando, foi morto à traição e o seu sepulcro fica próximo dos portões chamados Melitides”. Ele morreu, segundo diz Marcelino, depois dos 57 anos de idade. E, se for verdade o que A. Gélio escreveu sobre as idades de Helânico, Heródoto e Tucídides, ele morreu não antes dos 68 anos. Pois, se tinha 40 anos ao início da guerra e viveu (como certamente foi o caso) para assistir ao seu final, ao morrer podia ter mais, mas não menos, do que 68 anos de idade. Que filhos deixou, não se sabe. Platão em *Mênnon* menciona Milésias e Estêvão, filhos de um Tucídides de família muito nobre, mas é evidente que eram filhos do Tucídides rival de Péricles, ambos de nome Milésias e porque esse Tucídides também era da família de Milcíades, como atesta Plutarco na vida de Címon. Que ele tinha um filho, afirma Marcelino a partir da autoridade de Polêmon; mas não há menção ao seu nome, a não ser que um erudito leia Timóteo no lugar de Θεο... (que consta na cópia imperfeita). Isso quanto à pessoa de Tucídides.

Agora, quanto aos seus escritos, há duas coisas a considerar: a *verdade* e a *elocução*. Pois na *verdade* encontra-se a *alma* e na *elocução* o *corpo* da história. Esta sem aquela é apenas uma imagem da história, e aquela sem esta é incapaz de ensinar. Mas vejamos como nosso autor se saiu em ambas. Quanto à fidedignidade desta história, terei menos a dizer, pois homem nenhum jamais a colocou em questão até o momento. E, de fato, nenhum homem poderia a justo título duvidar da veracidade de um escritor em quem não tivessem absolutamente nada a suspeitar de algo que o pudesse levar a mentir deliberadamente ou a proferir inconscientemente uma inverdade. Ele não se incumbiu da tarefa de escrever uma história de coisas feitas muito antes do seu tempo e sobre as quais não teria como se informar. Era um indivíduo que dispunha de todos os meios, tanto em posição quanto em riqueza, de que necessitaria um homem para descobrir a verdade do que relata. Empregou a máxima diligência na busca da verdade (registrando todas as coisas enquanto estavam frescas na memória e utilizando as suas riquezas para obter informações) que um homem poderia empregar. Era o indivíduo menos afeito às aclamações das audiências populares e escreveu a sua história não para granjear aplausos do presente, como era o costume daquela época, e sim como monumento para instruir as épocas vindouras, o que ele mesmo professa e qualifica o seu livro como ΚΤΗΜΑ ΕΣ ΑΕΙ, *um bem para a perpetuidade*. Estava longe de precisar temer ou lisonjear, própria dos escritores servis. E ainda que se possa porventura pensar que foi malévolo em relação ao seu país, porque assim o merecia, ele não escreveu nada que revelasse tal sentimento. E tampouco escreveu qualquer coisa que lhes fosse uma desonra enquanto atenienses, e sim apenas enquanto *povo*, e isso por exigência da narração e não por qualquer digressão intencional. Assim, não é nenhuma palavra de Tucídides, mas as próprias ações dos atenienses que às vezes surgem como reproche. Em suma, se alguma vez a veracidade de uma história se patenteou pela

maneira de narrá-la, foi nela: tão coesas, perspicuas e persuasivas são todas as suas partes e a narração como um todo.

Também na *elocução*, há duas coisas a considerar: a *disposição* ou *método* e o *estilo*. Sobre a *disposição* aqui utilizada por Tucídides, por ora bastará observar rapidamente apenas o seguinte: no seu primeiro livro, primeiro ele apresentou, à guisa de exórdio, o Estado da Grécia desde o berço até a vigorosa estatura que tinha na época em que começou a escrever; a seguir, apresentou as causas, reais e pretensas, da guerra sobre a qual ia escrever. Quanto ao resto, em que trata da própria guerra, ele segue clara e exclusivamente a ordem cronológica ao longo de todo o texto, relacionando o que veio a se passar de ano em ano e subdividindo cada ano em verão e inverno. As razões e motivos de cada ação, ele apresenta antes da ação propriamente dita, seja em termos narrativos ou colocando-os na forma de *orações deliberativas* das pessoas que, de tempos em tempos, exerceram influência no Estado. Depois das ações, quando há uma justa ocasião, ele apresenta o seu juízo sobre elas, mostrando os meios pelos quais veio a se fomentar ou impedir o êxito dessas ações. Digressões com fins instrutivos e outras maneiras explícitas de transmitir preceitos (que é o papel do filósofo), ele nunca utiliza, tendo colocado com tal clareza diante dos olhos humanos as vias e as consequências dos bons e dos maus conselhos que a própria narração em si instrui secretamente o leitor, e com maior eficiência do que fariam os preceitos.

Quanto ao *estilo*, remeto-o ao julgamento de vários juízes antigos e competentes. Plutarco, no seu livro *De gloria Atheniensium*, assim diz sobre ele:

*Tucídides sempre visa ao seguinte: fazer do seu ouvinte um espectador e conduzir o seu leitor às mesmas paixões que havia nos que eram observadores. A maneira como Demóstenes dispôs os atenienses na costa recortada diante de Pilo; como Brásidas insistiu que o timoneiro aportasse com a nau à costa; como foi até a escada ou local de descida da nau; como foi ferido, desfaleceu e caiu na borda da nau; como os espartanos combateram no mar como se fosse um combate em terra, e os atenienses em terra como um combate no mar; novamente, na guerra siciliana, como travou-se em terra e mar uma batalha com igual destino: essas coisas, digo eu, estão descritas e apresentadas com tal clareza perante os olhos que tocam o espírito do leitor tal como se ele tivesse estado presente nas ações.*

Isso quanto à sua perspicuidade. Cícero, no livro intitulado *Orator*, ao falar da estima de diversos retóricos gregos, diz-nos:

*E por isso Heródoto e Tucídides são tanto mais admiráveis. Pois, embora vivessem na mesma época daqueles que citei antes [referindo-se a Trasímaco, Górgias e Teodoro],*

apesar disso estavam longe desse tipo de delicadeza ou, melhor dizendo, até tolice. Pois um, sem atritos, desliza suavemente como um rio tranquilo, e o outro [referindo-se a Tucídides] corre com mais ímpeto, e em matéria bélica, por assim dizer, sopra uma trombeta de guerra. E nesses dois (como diz Teofrasto), a própria história se levantou e se arriscou a falar, mas com mais profusão e mais ornamento do que os que vieram antes deles.

Isso ressalta a gravidade e a dignidade da sua linguagem. Outra vez, no seu segundo livro, *De Oratore*, temos:

*Tucídides, na arte de falar, na minha opinião ultrapassou todos os demais. Pois ele é tão repleto de conteúdo que o número das suas frases quase alcança o número das suas palavras; e nas suas palavras é tão hábil e preciso que é difícil dizer se as palavras ilustram as frases ou se as frases ilustram as palavras.*

Isso quanto ao vigor e força do seu estilo. Por fim, quanto à pureza e propriedade, cito Dioniso de Halicarnasso, cujo testemunho é o mais sólido nesse aspecto, pois era um retórico grego por capacidade e pendor próprio, que não o louvaria mais do que lhe fosse necessário. As suas palavras são as seguintes:

*Existe uma virtude na eloquência e que é a principal entre todas elas, sem a qual não existe nenhuma outra boa qualidade no discurso. Qual é? Que a linguagem seja pura e conserve a propriedade da língua grega. Isso ambos observam com diligência. Pois Heródoto é o melhor exemplo do dialeto iônico e Tucídides do dialeto ático.*

Os próximos testemunhos não são necessários para quem leu a história, e de maneira nenhuma diminuem o seu valor, embora esse mesmo Dioniso tenha envidado tantos esforços e aplicado tanto da sua capacidade retórica a isso. Ademais, considere necessário extrair as principais objeções que ele lhe faz e, sem muitas palavras minhas, deixo-as à consideração do leitor. Primeiro, Dioniso nos diz:

*O dever principal e mais necessário de qualquer homem que pretenda escrever uma história é escolher um tema nobre e agradável a quem o leia. E isso, na minha opinião, Heródoto fez melhor do que Tucídides. Pois Heródoto escreveu a história conjunta dos gregos e dos bárbaros, para salvar do esquecimento etc. Mas Tucídides escreve apenas uma guerra, ainda por cima nem honrosa nem afortunada, que seria primeiramente de se desejar que nunca tivesse ocorrido e, a seguir, que nunca tivesse sido lembrada nem conhecida à posteridade.*

*de. E já no proêmio deixa claro que escolheu um mau tema, dizendo: que muitas cidades foram naquela guerra devastadas e totalmente destruídas, em parte por bárbaros, em parte pelos próprios gregos: tantos banimentos e tantos massacres de homens como nunca houve antes etc., de forma que os ouvintes vão detestá-lo logo à primeira frase. Ora, como é melhor escrever sobre as admiráveis ações tanto dos bárbaros quanto dos gregos do que sobre as deploráveis e horríveis calamidades dos gregos, mais sábio é Heródoto do que Tucídides na escolha do tema.*

Agora considere-se se não é mais razoável dizer: O dever principal e mais necessário daquele que queira escrever uma história é escolher um tema com o qual tenha condições de lidar bem e que seja proveitoso para a posteridade que venha a lê-lo, o que Tucídides, na opinião de todos, fez melhor do que Heródoto: pois Heródoto se dedicou a escrever sobre coisas cuja verdade lhe era impossível conhecer, e que mais deleitam os ouvidos com narrações fabulosas do que satisfazem à mente com a verdade; mas Tucídides escreve uma só guerra, sobre cujo desenrolar, desde o início até o fim, ele pôde se informar seguramente: e, ao expor no proêmio as desgraças que aconteceram, ele mostra que foi uma grande guerra, digna de ser conhecida, e não escondida à posteridade, pelas calamidades que então recaíram sobre os gregos, e tanto mais a lhes ser transmitida de modo verdadeiro, pois é de maior proveito para os homens observar as adversidades do que a prosperidade, e portanto as desgraças dos homens realmente instruem muito melhor do que os seus bons sucessos; e por isso Tucídides foi mais feliz ao escolher o seu tema do que Heródoto sábio ao escolher o seu.

Dioniso prossegue com o seguinte:

*O próximo dever daquele que quer escrever uma história é saber onde começar e onde terminar. E neste aspecto Heródoto parece ser muito mais judicioso do que Tucídides. Pois, em primeiro lugar, ele apresenta a causa pela qual os bárbaros começaram a atacar os gregos; prosseguindo, termina com a punição e a vingança impostas aos bárbaros. Mas Tucídides começa com a boa situação econômica dos gregos, o que, sendo grego e ateniense, não deveria ter feito: nem deveria, ocupando aquela posição entre os atenienses, ter atribuído de maneira tão evidente a culpa pela guerra à sua própria cidade, quando havia outras causas suficientes às quais poderia tê-la imputado. Nem deveria ter começado pela questão dos córciros e sim pelas ações mais nobres do seu país, que praticaram logo após a guerra persa: o que depois ele menciona em lugar conveniente, mas ape-*

nas de modo sumário, e não como deveria ter feito. E ao citá-las com grande afeição, como homem que ama o seu país, deveria então ter exposto como os lacedemônios, por inveja e medo, mas pretextando outras causas, iniciaram a guerra: e só então passar à questão córcira e ao decreto contra os megarenses ou a qualquer coisa que tivesse de expor. Por fim, na conclusão da sua história, há muitos erros. Pois, embora declare que esteve presente em toda a guerra e que iria escrevê-la por inteiro, mesmo assim ele termina com a batalha naval em Cinossema, que foi travada no vigésimo-primeiro ano da guerra. Em vez disso, teria sido melhor cobrar toda ela e terminar a sua história com aquele admirável e grato retorno dos atenienses desterrados de Filas, momento em que a cidade recuperou a liberdade.

A isso eu digo que era obrigação de quem se dedicasse a escrever a história da guerra do Peloponeso iniciar a sua narração sem retroceder antes das causas da mesma, quer estivessem então os gregos em boa ou má situação econômica. E se a agressão, da qual surgiu a guerra, proviesse dos atenienses, o escritor, embora ateniense e honrado em seu país, deveria declará-lo da mesma forma, e não procurar nem usar, mesmo tendo à mão, qualquer outra causa para transferir a culpa. E as ações praticadas antes do tempo abrangido pela guerra narrada deveriam ser abordadas de modo apenas sumário, e não mais do que o suficiente para esclarecer a história subsequente, por mais nobres que aquelas ações tivessem sido. Depois de assim apresentá-las, sem tomar partido por nenhum dos lados, e como homem que ama não o seu país, mas a verdade, deveria prosseguir com o restante com igual imparcialidade. E pôr fim à narração com o término da guerra que se dedicou a escrever, não avançando a sua história para além daquele período, mesmo que o subsequente fosse dos mais admiráveis e agradáveis. Tudo isso Tucídides observou.

Apresentei essas duas recriminações por extenso, traduzidas quase literalmente, para que o juízo de Dioniso de Halicarnasso sobre as maiores e principais virtudes de uma história possa se patentear melhor. Penso que nunca se escreveram tantos absurdos em tão poucas linhas. Ele é contrário à opinião de todos os homens que algum dia trataram desse assunto, afora ele mesmo, e ao senso comum. Pois toma como finalidade da história não o proveito em escrever a verdade, mas o prazer do ouvinte, como se fosse uma canção. E não aceita de maneira nenhuma que o tema da história contenha as calamidades e a desgraça do seu país – estas, ele enterraria no silêncio –, mas apenas as suas ações esplêndidas e gloriosas. Entre as virtudes de um historiador, ele conta o amor pelo próprio país, o esforço em agradar ao ouvinte, delongar-se além do tema e ocultar todas as ações que não sejam para a honra de seu país. Defeitos absolutamente evidentes. Ele era um retórico e, pelo visto, não escreveria nada a não ser o mais propício ao ornamento retórico. Todavia, Luciano, também

retórico, num tratado com o título *Como se deve escrever a história*, diz o seguinte:

*Que um historiógrafo, em seus escritos, seja um estrangeiro, sem país, vivendo apenas sob a sua própria lei, sem ser súdito de nenhum rei nem se importar com o que agrada ou desagradará a quem quer que seja, mas expondo o assunto tal como é.*

O terceiro defeito que Dioniso encontra é o seguinte: que o método da história de Tucídides é regido pelo tempo e não pelos períodos das várias ações; pois ele expõe em ordem o que se passou em cada verão e inverno e, portanto, às vezes é forçado a abandonar a narração de um cerco, de uma sedição, de uma guerra ou de alguma outra ação, e a discorrer sobre outra coisa feita na mesma época, em outro lugar, e voltar àquela primeira quando o tempo o exigir. Isso, diz Dioniso, causa confusão na mente do ouvinte, que assim não consegue compreender claramente as várias partes da história.

Dioniso visa também ao prazer do ouvinte presente; embora o próprio Tucídides declare que o seu objetivo não é este, e sim deixar a obra como *um bem para a perpetuidade*, e que os homens tenham lazer suficiente para compreendê-lo na sua inteireza. Mas, na verdade, quem o ler com atenção entenderá todas as ações com maior clareza desta e não daquela outra maneira. E o método é mais natural; tanto mais que, sendo o seu objetivo escrever sobre uma guerra peloponesa, ele reuniu todas as suas partes num só corpo, e assim há unidade no conjunto, e as várias narrações são concebidas apenas como partes desse todo. Ao passo que, da outra maneira, ele costuraria muitas historietas e, em certo sentido, deixaria o seu tema, a guerra do Peloponeso, por escrever: pois tal título não caberia com justiça a nenhuma das partes, nem ao todo.

Em quarto lugar, Dioniso o censura pelo método do seu primeiro livro, em que Tucídides apresenta o desenvolvimento da Grécia desde a infância até a sua época e narra os conflitos sobre a Córcira e Potideia, antes de expor a verdadeira causa da guerra, que foi a grandeza do domínio ateniense, temido e invejado pelos lacedemônios.

Em resposta a isso, digo o seguinte. Quanto a mencionar o antigo estado da Grécia, ele o faz brevemente, insistindo não mais do que o necessário para o bom entendimento da história subsequente. Pois, sem algumas noções gerais desses primeiros tempos, muitos locais da história ficam mais difíceis de entender, pois dependem do conhecimento das origens de várias cidades e costumes, que não poderiam ser inseridas na história propriamente dita, mas que seria preciso supor já serem conhecidas pelo leitor ou lhe serem expostas no começo, como indispensável prefácio. E quanto ao fato de narrar primeiramente a causa pública e reconhecida dessa guerra, e só depois o verdadeiro motivo interior da mesma, a repreensão é absurda. Pois é evidente que uma causa de guerra divulgada e reconhecida, por insignificante que seja, faz parte da tarefa do historiógrafo, tanto quanto a própria guerra. Pois, sem um pretexto, não sobrevém nenhuma guerra. Esse pretexto

é sempre uma agressão recebida ou alegadamente recebida. Por outro lado, o motivo interior da hostilidade é somente conjectural, sem aquela clareza que um historiógrafo sempre deve necessariamente observar: como a inveja da grandeza de outro Estado ou o receio de uma agressão futura. Ora, julgue qualquer um se um bom historiador deve tratar como principal causa de guerra uma agressão declarada ou uma inveja oculta. Numa palavra, a imagem do método empregado por Tucídides nesse aspecto é esta: “O conflito sobre a Cócira se passou dessa maneira, e o conflito sobre Potideia dessa maneira”, relacionando-os de modo geral:

*e, em ambos, os atenienses foram acusados de ter praticado a agressão. Apesar disso, os lacedemônios não haviam entrado em guerra contra eles por causa dessa agressão, mas por invejarem a grandeza de seu poderio e temerem as conseqüências de sua ambição.*

Penso que seria impossível conceber uma ordem mais clara e natural.

Dioniso investe novamente, dizendo que Tucídides apresenta uma oração fúnebre (que era solenemente realizada em todas as ocasiões ao longo da guerra) apenas para 15 cavaleiros, que foram mortos nos córregos chamados Rheiti: e isso pela única razão de que assim poderia apresentá-la na pessoa de Péricles, então vivo, mas que estaria morto antes que ocorresse outra ocasião similar.

O costume dos atenienses era que os primeiros a morrerem em qualquer guerra deviam receber um funeral solene nos arredores da cidade. Durante essa guerra, tiveram muitas ocasiões de pô-lo em prática. Assim, vendo que seria adequado dar a conhecer esse costume e a sua forma de execução, e isso de uma vez por todas, já que a maneira era sempre a mesma, o mais conveniente seria relatá-lo na primeira oportunidade, qualquer que fosse o número dos sepultados naquela ocasião: número este, porém, que dificilmente foi tão reduzido quanto diz Dioniso. Pois não se realizava o funeral senão com a chegada do inverno após as mortes: de forma que houve um número muito maior de mortos antes dessa solenidade, e todos podem ser contados entre os primeiros. E entre as razões que ele alega, não há nenhuma que permita duvidar que foi Péricles a cumprir o dever de proferir a oração fúnebre.

Outro defeito que Dioniso encontra é o seguinte: que Tucídides apresenta os generais atenienses, num diálogo com os habitantes da ilha de Melos, expondo abertamente como causa da sua invasão da ilha o poderio e a vontade do Estado de Atenas e rejeitando categoricamente qualquer discussão com eles sobre a equidade dessa sua causa, que, diz ele, era contrária à dignidade do Estado.

A isso pode-se responder que o procedimento desses generais não foi diferente de várias outras ações que o povo de Atenas empreendeu abertamente contando com eles: portanto, é muito provável que fossem autorizados a proceder assim. Seja como for, se o povo ateniense incumbiu esses

seus comandantes de tomar a ilha por quaisquer meios que fossem, sem possibilidade de lhes submeter primeiramente o mérito da causa dos ilhéus, o que muito provavelmente é verdade, então não vejo razão para que os generais se pusessem a discutir com eles se iriam cumprir ou não o seu encargo, mas apenas se o fariam por bem ou por mal, que é o ponto tratado nesse diálogo. Ele levanta outras objeções capciosas referentes ao tema e à ordem dessa história, mas dispensam resposta.

Agora quanto ao fraseio de Tucídides, Dioniso o critica em inúmeras passagens, considerando-o obscuro e desregrado. Quem quiser ver as passagens específicas que ele reprova, que o leia pessoalmente, se assim quiser: pois o assunto é tedioso demais para tratarmos aqui. É verdade que há em Tucídides algumas frases um tanto longas: não obscuras para quem é atento e, além disso, são poucas. Todavia, este é o defeito mais importante que Dioniso aponta. Quanto ao resto, a obscuridade que há deve-se à profundidade das frases, trazendo reflexões sobre aquelas paixões humanas que, tratadas de forma avulsa ou raramente comentadas em discursos, ainda têm máxima influência sobre os homens nas suas conversas públicas. Assim, se não se consegue compreendê-las senão após longa meditação, não havemos de esperar que um homem as entenda logo de saída. Marcelino diz que Tucídides era deliberadamente obscuro, para que o povo comum não o entendesse. E não é improvável: pois um sábio deve escrever (embora com palavras que todos entendam) de maneira que apenas sábios possam apreciá-lo. Mas essa obscuridade não deve se dar nas narrações das coisas feitas nem nas descrições de locais e batalhas, nas quais Tucídides mostra grande perspicuidade, como atestou Plutarco, nas palavras citadas anteriormente. Mas quanto aos traços de temperamento e atitude dos homens, aplicando-os a assuntos importantes, é impossível não ser obscuro para os de capacidade mediana, em quaisquer palavras com que um homem expresse seu parecer. Assim, se Tucídides nas suas orações, na descrição de uma sedição ou em qualquer outra coisa desse gênero, não é de fácil entendimento, isso se deve apenas aos que não conseguem penetrar na natureza de tais coisas e não deriva de qualquer complexidade na forma de expressão. Dioniso, além disso, critica o seu hábito de lançar palavra contra palavra, o que os retóricos chamam de *antitheta*. O que, se é um grande vício em certos tipos de discursos, não é impróprio em personalidades, e para discursos comparativos é praticamente o único estilo.

E se ademais ele o acusou de desregramento por converter substantivos em verbos e verbos em substantivos, e por alterar gêneros, casos e números, como faz algumas vezes para maior eficácia de estilo e sem solecismos, deixo-lhe a resposta de Marcelino, que diz: “Dioniso critica isso por ignorar” (embora fosse retórico professor) “que esta era a mais perfeita e excelente maneira de falar”.

Talvez alguém queira saber por qual motivo Dioniso pretendia diminuir o valor de Tucídides, o qual, segundo ele mesmo admite, era unanimemente considerado como, de longe, o melhor de todos os historiadores existentes e

foi tomado por todos os filósofos e oradores antigos como medida e critério para se escrever história. Qual foi o seu motivo, não sei: mas qual a glória que poderia esperar disso é fácil saber. Ao preferir primeiramente Heródoto, seu conterrâneo halicarnassense, a Tucídides, que era considerado o melhor; e então, imaginando que a sua própria história talvez não fosse considerada inferior à de Heródoto, com tal raciocínio Dioniso presumiu que lhe caberia a honra de melhor historiógrafo. Nisso, na opinião de todos os homens, ele se enganou. E é o que basta quanto às objeções de Dioniso de Halicarnasso.

Consta em fonte escrita que Demóstenes, o famoso orador, reescreveu oito vezes a história de Tucídides de próprio punho. A tal ponto essa obra era apreciada, inclusive pela eloquência. No entanto, essa sua eloquência não era apropriada para a tribuna, e sim adequada à história, mais para ser lida do que ouvida. Pois palavras que se sucedem ininterruptamente (como se deve dar nas orações públicas) precisam ser entendidas com facilidade e então se perdem, ao passo que as palavras que permanecem por escrito, para que o leitor reflita sobre elas, precisam ser intensas e copiosas. Por isso Cícero o excluiu, com razão, das fileiras dos defensores; mas, por outro lado, reconhece constantemente o que lhe cabe na história (lib. ii. *De Oratore*):

*Que grande retórico alguma vez tomou algo de empréstimo a Tucídides? No entanto, todos o louvam, reconheço, como narrador sábio, severo, grave de coisas feitas: não como defensor de causas na tribuna, mas como relator da guerra na história. Por isso nunca foi considerado orador: e, mesmo que nunca tivesse escrito uma história, ainda assim o seu nome não se extinguiria, sendo homem de honra e nobreza. Todavia, nenhum deles emula a gravidade das suas palavras e frases, mas, depois que enunciam uma espécie de massa trôpega e desconjuntada, passam a se considerar irmãos de Tucídides.*

Novamente, no seu livro *De Optimo Oratore*, ele diz o seguinte:

*Mas aqui destaca-se Tucídides, pois sua eloquência é admirada por alguns, e a justo título. Porém de nada vale para o orador que buscamos: pois uma coisa é desenvolver um assunto por meio da narração; outra coisa é acusar ou inocentar um homem por meio de argumentos. E, nas narrações, uma coisa é deter o ouvinte, outra coisa é instigá-lo.*

Luciano, no seu livro chamado *Como se deve escrever a história*, exemplifica continuamente com Tucídides as virtudes que exige de um historiógrafo. E se alguém examinar com cuidado todo o seu discurso, perceberá claramente que a imagem desta história aqui presente, predisposta na mente de Luciano, sugeriu-lhe todos os preceitos que ele expõe em seu livro. Por último, ouça-se o louvor mais apropriado e verdadeiro a Tucídides, que lhe foi feito por Justus Lipsius nas notas ao seu livro *De Doctrina Civili*, com as seguintes palavras:

*Tucídides, que não escreveu sobre muitos nem grandes assuntos, mesmo assim talvez conquiste a coroa entre todos os que escreveram sobre muitos e grandes assuntos. Na elocução, sempre grave; conciso e denso de sentido; sóbrio nos juízos; sempre secretamente instruindo e orientando a vida e as ações. Nas suas orações e digressões, quase divino. Quanto mais se o lê, mais se extrai dele; e no entanto nunca se o abandona por saciedade. A seguir vem Políbio, etc.*

E isso quanto à vida e à história de Tucídides.

*Submitted on June 25, 2018*

*Accepted on July 02, 2018*